



“PAISAGENS SENSÍVEIS”: SER MISSIONÁRIO NA DIOCESE DE GOIÁS NAS CARTAS DE UM FRADE “DOMINICANO”, NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX.

Vera Lúcia Caixeta¹

RESUMO: Esse texto trata da análise das percepções e sentimentos de um frade da Ordem dos Pregadores OP, Frei Gallais, presentes nas dez cartas enviadas aos seminaristas franceses, quando da sua viagem pela diocese de Goiás, entre 1900-1901. Considerei as missivas como uma atividade solitária de introspecção, uma *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual o narrador ressalta os desafios e os prazeres em ser missionário na ampla diocese de Goiás - num contexto de reforma da Igreja católica após a proclamação da República – na tentativa de constituir o missionário ideal. Enfim, percebeu-se os amplos desafios e perspectivas metodológicas abertas pela História Cultural ao colocar em questão as referências do narrar, ver e sentir, ou seja, sobre a presença das sensibilidades e das subjetividades na história.

PALAVRAS-CHAVE: Diocese de Goiás, frades franceses, cartas, sensibilidades.

Introdução

O objetivo desse estudo se relaciona com o que Paul Ricouer denominou de “reconfiguração do passado”, no caso, a análise das percepções e sentimentos de um frade da Ordem dos Pregadores, Frei Gallais, presentes nas dez cartas enviadas aos seminaristas franceses, quando da sua viagem pela diocese de Goiás, entre 1900-1901.² Hartog (2014, p.48) chama atenção para as figuras mobilizadas pelo escritor para fazer a enunciação do outro, já que “Entre o narrador e o destinatário existe, como condição para tornar possível a comunicação, um conjunto de saberes sistêmicos, enciclopédicos e simbólicos que lhes é comum”. Nesse sentido, parece que os enunciados do visitador francês foram decodificados por seus interlocutores, pois, segundo Frei Bigorre, nas

¹ Doutora em História Social pela UFRJ e mestrado em História pela UNB. Professora da Universidade Federal do Tocantins-UFT.

² Selecionei como fonte o fascículo *Cartas do Brasil*, presente na **Coleção Memória Dominicana**, que contém doze cartas - das quais dez são direcionadas aos seminaristas do Convento de Toulouse e duas enviadas às freiras dominicanas.



Missions Dominicaines, 1923, “Vários noviços para os quais elas foram endereçadas vieram para o Brasil e alguns foram ou são superiores das casas das Missões” (Apud FREI GALLAIS E SUA OBRA MISSIONÁRIA, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.4, s.d, p.9).

Na concepção de Certeau (2000, p.66), a operação historiográfica “se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita”. Ele sustenta ainda que “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 2000, p.81). Para Ricoeur (2007, p.176), é preciso ter competência para interrogar os documentos. Segundo ele, “Nos arquivos, o historiador profissional é um leitor”, porém, o documento é mudo e órfão, cabendo ao pesquisador ir ao arquivo munido de pergunta. Segundo Ricoeur, Paul Veyne sintetiza que “não é uma pergunta nua, é uma pergunta armada que carrega consigo certa ideia das fontes documentais e dos procedimentos de investigação possíveis” (2007, p.188). Enfim, o documento não é dado, ele é procurado e encontrado, “bem mais que isso, ele é circunscrito e, nesse sentido, constituído, instituído documento pelo questionamento” (RICOEUR, 2007, p.189).

Para melhor questionar o documento, é preciso conhecer a tipologia da fonte selecionada. Segundo Tereza Melatian (2015, p.195-196), as missivas resultam de atividades solitárias de introspecção: “Trata-se de *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à história e ao mundo onde se movimenta”. Historicamente, foi construída uma cultura epistolar codificada e submetida a regras de etiqueta. Assim, as cartas constituem um gênero cultivado desde a Antiguidade como forma literária. No século XVIII, assumiram também uma dimensão educativa. No século XIX, preenchia funções definidas como educação do eu, interiorização de normas de convivência social, além de satisfazer a busca de intimidade e privacidade que acompanharam a implantação da ordem burguesa no Ocidente. Refletir e falar sobre si tornou-se comum. Na contemporaneidade, as cartas perderam espaço na vida cotidiana, substituídas por novos suportes de textos de escrita de si, tal como é o caso dos e-mails, blogs e sites de exposição virtual da vida privada, com alcance planetário! (2015, p.196).



Melatian (2015) pondera que é preciso considerar que as cartas expressavam a vida privada segundo regras de boas maneiras e apresentavam uma imagem de si controladora da espontaneidade e da revelação da intimidade. A autora ressalta que nas missivas há um jogo sutil entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de ser espontâneas, as cartas ocultam ou revelam seus autores, assim, é possível encontrar ali notícias dizíveis e apenas fazer supor as indizíveis (MELATIAN, 2015). Destarte, ao olhar para esses repositórios de introspecção, o pesquisador tem acesso às dimensões culturais do sujeito, da época e da sociedade na qual o indivíduo se movimenta. Enfim, segundo a autora, “é importante definir qual a *questão* a ser colocada no documento para que ele nos fale algo. Valem para isso as famosas perguntas: *quem, quando, onde, como e por que uma carta é escrita?*” (MELATIAN, 2015, p.203-204).

Trata-se aqui de enfrentar o desafio de ler as cartas e perceber, para além das questões sugeridas pela autora, os sentimentos de um frade da Ordem dos Pregadores, Frei Estevão Gallais (1851-1907), nas missivas que escreveu, para os seminaristas franceses, durante sua visita à diocese de Goiás.³ Sobre esse frade, é preciso dizer que com 29 anos, em 1880, foi nomeado Superior do Convento Dominicano de Salamanca, na Espanha, para onde fora a comunidade de Saint Maximimin, de Toulouse. Permaneceu no cargo por sete anos até reconduzir à França seus religiosos. Em 1887, foi designado visitador da missão no Brasil, que havia se instalado oficialmente na diocese de Goiás, em 1882. Ao retornar à França, com 39 anos, foi eleito Provincial da Ordem Dominicana, cargo para o qual foi reeleito três vezes. Faleceu, em Goiás, com 56 anos, durante sua quarta visita à região.

O narrador está inserido num contexto, em que a instituição eclesiástica procurava fixar diretrizes e normalizar as atividades ligadas ao serviço da religião e romanizar os procedimentos pastorais, litúrgicos e devocionais em Goiás.⁴ Durante o movimento reformador que ocorre no Brasil a partir da segunda metade do século XIX,

³ Estevão Gallais nasceu na França em 1851 e morreu no Brasil Central em 1907, com apenas 56 anos. Em 1888, foi designado visitador extraordinário da Missão Dominicana no Brasil. Ao regressar à França, foi eleito Provincial da Província de Toulouse em 1890. Foi eleito mais três vezes para o mesmo cargo, que tinha duração de quatro anos (1894, 1902 e 1906). No intervalo entre um e outro mandato, visitava o Brasil. No total, fez quatro visitas e faleceu durante a última delas.

⁴A reforma religiosa implica o fortalecimento das mediações eclesiásticas (sacramentos, cerimônias litúrgicas e pregações). Nesse sentido, vale ressaltar os esforços destinados à sacralização das famílias e à uniformização da fé, pelo combate à religiosidade popular e pela imposição da religião dos teólogos.



o corpo de especialistas religiosos insiste no fortalecimento das mediações eclesiais (sacramentos, cerimônias litúrgicas e pregações), na retomada das determinações tridentinas, na sacralização dos locais de culto, na moralização do clero e na diminuição do poder dos leigos (SILVA, 2009), além da vinda de ordens e congregações religiosas estrangeiras para ajudar os bispos nessa árdua tarefa, no sentido de formação e ampliação das formas de controle sobre os padres nacionais e os leigos.

Significativamente, no final do século XIX, a Igreja consegue se livrar das ingerências do Estado e fortalecer seu aparato institucional, exatamente porque, com a proclamação da República (1889), o catolicismo deixa de ser a religião oficial.⁵ As tentativas de normatização do comportamento do clero e dos fiéis não são novas. Em meados do século XIX, principalmente após o Concílio Vaticano I, são reforçadas as estratégias hierarquizantes da instituição eclesial. Para Oscar Beozzo (1992, p179), a novidade no final do século XIX é que a Igreja foi desafiada e contestada pela chegada ao poder de uma proposta de Estado laico: “separação entre Igreja e Estado, secularização dos bens eclesiais, escola laica, registro civil para nascimentos e matrimônios, secularização dos cemitérios e conversão dos conventos e templos em bens nacionais”. Martha Abreu (1999, p.326) afirma que a reforma da Igreja no Brasil, no século XIX, tinha por objetivo organizar sua estrutura hierárquica e piramidal, conseqüentemente, diminuindo o poder dos leigos e estimulando a substituição do clero liberal e regalista pelo clero estrangeiro, obediente à hierarquia.

Os dominicanos se estabeleceram no interior do Brasil a convite do bispo de Goiás, D. Cláudio Ponce de Leão (1881-1890). Os frades justificam esse traslado como missão, sendo essa migração necessária para ajudar na implantação de um projeto de reforma da Igreja que, entre outras intenções, pretende alterar o comportamento do clero e dos leigos, além de implantar e/ou expandir a catequese entre os povos indígenas. Assim, explica o cronista Frei Jacinto Lacomme, em 1922, nas *Missions Dominicaines*:

:

⁵A Igreja no Brasil contava em 1891 com apenas 12 dioceses, porém, com o fim da união entre Estado e Igreja, teve início o processo de expansão das dioceses. Assim, em 1900, já havia 17; em 1910, 33; e em 1920, 58. Ver: LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Presença da Igreja no Brasil*. São Paulo: Giro, 1977.



[...] em pleno século XX, há ainda no Brasil populações selvagens a civilizar e converter.

Isto era conhecido dos Superiores da Província dominicana de Toulouse, e quando eles aceitaram e decidiram pela fundação da Missão do Brasil, eles tiveram sobretudo em mira a evangelização dos indígenas ainda selvagens e pagãos, que se dizia eram numerosos na diocese de Goiás e nas dioceses limítrofes. Os jovens, entre os quais estávamos então, o sabiam, e aqueles que dentre nós se sentiam atraídos para o apostolado distante se entusiasmavam com o relato de missões heroicas de um São Bertrando, de um Bartolomeu de Las Cazas e de tantos outros filhos de São Domingos [...]. (Apud FRADES DOMINICANOS NO BRASIL, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, v.7, s.d, p.13).

De acordo com André Vauchez (2008, p.183), um dos aspectos mais originais das ordens mendicantes é sua orientação para a missão. No Novo Mundo, inicialmente, os esforços missionários dos Frades Pregadores chegam através de Frei Bartolomé de Las Casas (1474-156). Segundo Claude Prudhomme, depois dos séculos XVI e XVII, a ação missionária ganhou novo impulso no interior da igreja católica nos séculos XIX e XX, tendo a França desempenhado papel central: “Em 1900, mais de um terço dos missionários masculinos e a maioria das mulheres são francesas” (PRUDHOMME, 2008, p.354). Também a imprensa missionária teve papel significativo com centenas de periódicos e tiragens consideráveis no processo de legitimação dessa expansão: “[...] os meios de informação mais modernos são utilizados para sustentar a missão. Eles dão conta dos progressos realizados e testemunham o bom uso dos fundos recolhidos, ao mesmo tempo que sensibilizam os leitores para os mundos longínquos” (PRUDHOMME, 2008, p.355). Certamente, a vitalidade missionária do cristianismo contemporâneo foi, em grande parte, alimentada pelas ordens e congregações religiosas europeias, como, por exemplo, os dominicanos, que forneceram os homens, as mulheres e os meios da expansão.

Enfim, os espaços de atuação dos dominicanos no Brasil não ficam restritos à diocese de Goiás, mesmo incluindo o chamado “Triângulo Mineiro”. Após fundar o convento de Uberaba (1882) e montar uma rede de conventos em Goiás, como na cidade de Goiás (1883), em Porto Imperial (1886), em Formosa (1905), um centro de catequese indígena é aberto na futura Conceição do Araguaia (1896), no Pará, ou seja, totalmente fora da diocese de Goiás (CAIXETA, 2014). Após essas fundações, era



necessário que a ordem religiosa continuasse tanto enviando frades que deveriam passar pela difícil experiência de se tornarem missionários, quanto mandando visitantes para acompanhar os trabalhos realizados.

Na tradição epistolar, a sensibilidade do Frei Gallais

Procedeu-se de início à tomada do hábito.[...] um arreio novo,[...]. Nossa noviça pareceu apreciar pouco, antes de tudo a austeridade da veste que lhe punham ao dorso, [...] quando ela percebeu que o cilício lhe apertava as costelas, fez triste figura. Mas, Mestre Artur soube chamá-la à razão e, fazendo da necessidade virtude, nossa mula noviça se submeteu. [Ela recebe de seu domador o nome Bicicleta]

[...]

Desde o primeiro dia, Bicicleta [como era chamada] quis mostrar zelo, e em vez de marchar com passo tranquilo, levando suavemente sua carga, ela se pôs a correr, a ir a trote como os animais de sela. Artur, por mais que gritasse atrás dela, zangasse, a chamasse de doida, para fazê-la compreender que ela se fatigava inutilmente, etc., etc. Perda de tempo! Bicicleta continuava a correr, a sacudir sua carga, a fazer mil tolices. Também, o que aconteceu? No fim de algumas horas, Bicicleta está esgotada, não se aguenta mais. Então, ela acha muito natural parar, e mesmo, ó vergonha! De se deitar no caminho. Mas Artur não pensa assim, e é então que as chicotadas chovem como granizo. Após ter machucado mais depressa que se queria, Bicicleta faz-se de preguiçosa e só avança a força de chicote. (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.16-18)

Por mais que o destinatário seja um seminarista francês, percebe-se que ele está alojado no interior do próprio texto como um simulacro de leitor, “a quem se dirige essencialmente o narrador e sobre o qual exerce seu poder de persuasão” (HARTOG, 2014, p.49). Os próprios comentadores ressaltam que as cartas do frade têm uma redação interessante, que contrasta com o estilo comedido do Gallais, superior da Ordem dos Pregadores, nas suas Circulares. O frade traça o sentido da narrativa e dos enunciados para persuadir os destinatários. Isso significa ler a epígrafe considerando



que uma prática no interior do Brasil, como a doma da mula teimosa, tem relação direta com a formação de um frade francês.

As cartas do frade são escritas sempre ao final de um trajeto de viagem, assim elas dão conta de todo o percurso desde a travessia do Atlântico, até a chegada a Uberaba e a montagem da tropa e organização da expedição para a viagem que passa pela cidade de Goiás até Leopoldina, limite do mundo “civilizado”. Depois, descreve a descida de barco pelo Araguaia até o centro de catequese indígena em Conceição do Araguaia, a emoção de encontrar os índios catequizados, além das dificuldades da viagem a cavalo até o Convento de Porto Nacional, maior centro econômico e cultural do antigo norte de Goiás.

Há em cada uma das cartas uma ampliação do discurso narratorial, deixando transparecer o íntimo do narrador, que, certamente, vai além de um lugar de fala, o de um instituto religioso comprometido com a reforma da Igreja. As cartas são escritas na primeira pessoa do singular e são portadoras da subjetividade do frade de uma forma específica de narrativa dos seus sentimentos e das suas crenças. Assim, ao tratar do cotidiano das viagens, dos modos de viver da população encontrada, das alegrias e dificuldades em ser missionário no Brasil, ele aponta para a viagem travessia, possibilidade de libertação como no livro do Êxodo. Um olhar etnográfico coleta e descreve situações e comportamentos locais, que incita à vocação e ao espírito apostólico, a exemplo de São Domingos, fundador da Ordem no século XIII.

As cartas tinham por objetivo aproximar os seminaristas do desconhecido mundo dos missionários na diocese de Goiás, mas, principalmente, criar um desejo de trabalhar na missão. Ao olhar para esses vestígios do passado, tentei perceber o sentimento do narrador ou, nas palavras de Alan Corbin, “reconstituir o sistema de representações e, por conseguinte, de apreciação/valorização do mundo” (apud LANGUE, 2006, p.24). O desafio aqui passou por tentar perceber quais os sentimentos, os valores, as motivações que conduziam as narrativas de um frade visitador. Tarefa nada fácil, porque implica treinar o olhar para perceber as emoções e paixões contidas nas palavras. Ora, no centro da narrativa, está o desejo de salvar as almas, de expandir a influência da Igreja sobre índios e sertanejos, nesse sentido, há a valorização do missionário, aquele que está disposto a comprometer sua saúde, a derramar seu sangue pela salvação dos outros.



Na epígrafe acima, Frei Gallais fez uma associação entre a “doma” de uma mula de carga – durante uma viagem de Uberaba ao norte de Goiás - e a formação de um frade.⁶ Percebe-se, na narrativa sobre a mula teimosa, uma crítica aos padres. Na visão do reformador, os padres nacionais não apresentavam padrões de comportamento e de atitude compatíveis com o treinamento que haviam recebido. Assim como a mula Bicicleta, eles não queriam aceitar o arreio, carregar sua carga, marchar, comer e se comportar como os outros animais de carga. Logo, seus atos são percebidos como sinais de má conduta e comportamento, de aviltamento de sua condição. Segundo Gallais, muitos padres se comportam como a “extravagante” mula. Percebe-se aí que a expectativa com relação aos futuros frades é que eles sejam virtuosos, disponíveis, não façam aquilo para o qual não foram autorizados, enfim, a mensagem para os destinatários “livrem-se de querer se comportar como a mula teimosa”.

Frei Gallais, numa de suas cartas (1900), escreve: “Minha carta de Uberaba era como o primeiro número de meu diário de viagem e terminando-a eu lhes dizia ter sequência [...] Hoje lhes falarei de minha viagem de Uberaba a Goiás. Teve a duração de quinze dias, dos quais um em trem de ferro e catorze a cavalo” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.16-18). Confessa-se em dúvidas sobre a direção a ser dada à sua narrativa: “Mas encontro-me um tanto embaraçado para saber a que ponto de vista devo colocar-me e se devo lhes mostrar as coisas sob o seu lado poético ou sob seu lado prosaico”. Do ponto de vista poético, Gallais trataria de apresentar ao destinatário sua percepção da natureza no seu estado selvagem, da beleza natural e da aventura, descrevendo “as grandes florestas que se atravessam, os magníficos horizontes que se descortinam diante dos olhos, o desconhecido, o extraordinário que se encontra, as aventuras que se experimentam etc.” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.17-19).

⁶ As cartas desempenham um papel importante por divulgar os resultados da catequese. No geral, elas têm por objetivo informar aos provinciais e ao restante do instituto, o andamento do trabalho missionário de forma ampla e edificante. Exatamente, por esse caráter edificante, por apresentar um quadro temático das provações e superações espirituais da missão, as cartas e as narrativas de viagens são publicadas nos jornais e revistas da Ordem Dominicana na França.



Já do ponto de vista prosaico, o autor afirma que (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.17-19), “é ter que montar uma velha mula de aparência vulgar, de ficar estupidamente escanchado em seu dorso de oito a dez horas por dia; de ter que suportar durante esse mesmo tempo os ardores do sol inclemente [...]”. Porém, na sua concepção, há sempre uma razão maior que dá sentido ao sofrimento, nas palavras do frade: “há a graça do estado, o sentimento que se trabalha para Deus. Ora, quando a gente sua por Deus, sua mais e melhor, e se é para ele que a gente se cozinha, a gente não saberia estar por demais cozido”. E depois, segundo o visitador, “há de tempos em tempos as atenções da Providência que os encorajam” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.19). E é, exatamente, nos momentos de maiores dificuldades que ele sente ser guiado pelas mãos divinas, alimentos e água aparecem para matar a sede e a fome, e caminhos são vislumbrados para que possa seguir na direção correta. O “milagre” comprova que o sacrifício na luta pela conquista espiritual dessa imensa região é recompensado.

Riolando Azzi, (2008, p.58) afirma que é constitutivo do discurso católico fazer referências elogiosas aos missionários, principalmente ressaltando seu espírito de sacrifício: “a separação da família e da pátria, as perigosas viagens por rios e florestas, as precárias condições de vida com relação ao clima, habitação e alimentação”. Além disso, há as inúmeras privações cotidianas, as renúncias à comodidade da vida urbana, as decepções, as dores e as lágrimas dos missionários. Enfim, nas palavras de Azzi, havia sempre os “riscos dos ataques dos animais ferozes, bem como a fadiga, a doença, a vida solitária e a difícil convivência com os selvagens (AZZI, 2008, p.58).

A “escrita de si” do frade visitador testemunha sua sensibilidade ao tratar das longas e difíceis viagens pelos antigos caminhos de Goiás. Frei Gallais reconhece a hospitalidade dos goianos, mas a impossibilidade de uma boa noite de sono aparece como uma provação. Ele registra diferentes sons num “pouso”. No interior do Brasil, existe o costume de construir o curral ao lado da casa, porém, à noite, depois que separa-se as vacas dos bezerros “Começa um belo concerto de mugidos. A manada dos bezerros que ficou no curral berra num conjunto magnífico. O rebanho das vacas responde [...] isso em torno de duas horas” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.22). Quando, enfim,



bezerros e vacas decidem dormir, os galos começam a cantar: “Imaginem, pois, que pela meia noite, todos esses bicos [por volta de cem galos] se abrem, todas essas gargantas se distendem numa algazarra formidável [até o dia clarear]” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.23). Nas suas narrativas, o frade procura ironizar o desconforto, transformando o mugir dos bezerros, das vacas e o cantarolar dos galos num concerto noturno que só termina ao amanhecer.

Frei Gallais amplia seu registro sobre as dificuldades dos pernoites ao descrever seu quarto de dormir. Ele afirma que foi prestigiado a dormir num quarto e a utilizar um leito construído de varas. Porém, antes de se instalar, tomou o cuidado de vistoriar o local e encontrou um pequeno leitãozinho morto debaixo da cama, o cadáver foi retirado e ele se acomodou da melhor maneira possível. Todavia, “Ao menor movimento que eu faço, ouço o grito bem conhecido da galinha que se crispa toda para defender seus pintainhos; depois, de tempos em tempos, coti, coti, coti, que lhe serve para reunir sua ninhada” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.24). Seguindo a direção de uma narrativa exemplar, o visitador arremata “eu me esforcei de permanecer imóvel e não me mexer. Dormi aliás muito bem, e ao amanhecer, eu me achei em forma e disposto” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.24). Enfim, não era comum o fazendeiro oferecer um quarto da casa aos viajantes.

O estado de contemplação do narrador está direcionado para a natureza selvagem. Em carta de Leopoldina, 15 de janeiro, Gallais escreve:

Eis-me às margens do Araguaia. É o extremo limite do mundo civilizado [...]. A alguns passos diante de mim, do lado do por do sol, o rio rola com majestade suas águas acrescidas pelas chuvas diluvianas que caem há dois meses. Do outro lado é o desconhecido, a mata virgem com toda a sua força do termo, o país selvagem por natureza (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.25).

Chiara Vangelista (2012, p.32) afirma que “A descrição da natureza latino-americana, notadamente em suas expressões mais chamativas [...] era isso que o leitor europeu pedia ao viajante: retratar os efeitos causados na alma do espectador por uma natureza ainda virgem”. Para o observador europeu, a mata virgem representava “o



espaço oposto à civilização; a mata representava o contraponto motivado pelas sensações e pelas imagens entre a sociedade civil e o Estado primitivo ou, até, entre civilização e barbárie” (VANGELISTA,2012, p.42).

A percepção do outro, como o selvagem que precisa ser redimido pela ação missionária, está presente na narrativa de Frei Gallais, de Conceição do Araguaia, ele escreve: “Eis-me aqui no meio dos nossos caros índios [...] Mas não sei por onde começar, e como estou a todo o momento incomodado por nossos pequenos pensionistas turbulentos, traquinas como micos, queira me escusar se lhes escrevo ao correr da pena, sem ordem nem método” (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, 38). Sobre os indígenas, afirma: “Nossos indiozinhos são uns cinquenta, inteiramente a cargo dos padres. Eles são turbulentos, in- disciplinados, batalhadores [...]” (p.57). Porém: “o que me faz prazer é que todos sabem de uma maneira muito satisfatória suas orações e seu catecismo, e que os maiores começam a ter amor ao trabalho (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.60). Transformar os índios em sertanejos católicos, eis o desafio enfrentado pelos missionários no centro de catequese indígena.

Maiores dores e desilusões também aparecem nas narrativas do frade. Gallais acompanhou Frei Vilanova a Belém do Pará:

Levamos doze dias apenas para descer o rio, e foi preciso 56 para voltar. Pensávamos não permanecer no Pará senão por uns quinze dias, e foi preciso permanecer durante dois meses. Contávamos arrecadar para a catequese uns 50.000 mil francos que o governo havia prometido no ano passado, não recebemos um só tostão. Em uma palavra, foi para o pobre frei Vilanova uma viagem de decepções amargas, de tribulações verdadeiramente decepcionantes (CARTAS DO BRASIL POR FREI GALLAIS, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol.12, s.d, p.64-65).

Significativamente, essas narrativas têm por objetivo despertar o “ardor missionário” dos destinatários e construir o seu perfil desejado: só os homens devotados, valorosos, intrépidos e heroicos resistem às privações e suplícios imputados ao corpo e à alma, na difícil missão de salvar as almas. Certamente, “as provações não faltaram aos primeiros missionários, mas nada lhes tirou a coragem e, hoje em dia, a estrela de São Domingos brilha [...] em uma imensa região antes mergulhada nas trevas da ignorância e do erro” (TAPIE, 1921, p.5).



CONCLUSÃO

A leitura dos sentimentos deu-se pelo caminho da verossimilhança, pois mesmo que as crenças, os valores e as emoções tenham deixado marcas objetivas de historicidade, toda interpretação responde ao caráter indireto e cifrado do que as *escritas de si* podem revelar (PESAVENTO, 2006). Isto é evidente, pois, como ressaltado, os vestígios do passado não nos dão acesso ao que realmente teria acontecido, mas a versões, a representações elaboradas por quem fez o registro na sua época e dentro das suas condições de produção. Para Corbin, a análise das “paisagens sensíveis” passa por uma leitura mais cuidadosa, observação atenta e inédita de acontecimentos que já foram analisados numa outra perspectiva (Apud, LANGUE, 2006).

Sabe-se que quem olha vê segundo uma perspectiva, portanto, não existe neutralidade nesse olhar europeu, francês, católico, dominicano, que vem para Goiás com o objetivo de ser o braço direito do bispo na reforma da diocese. O que me instigou foi tentar chegar até as razões e os sentimentos que presidiram tais acontecimentos e que mobilizaram as ações dos atores. No decorrer de minha exposição, tentei fazer falar as fontes, trazer o passado ao presente, capturar as impressões de vida registradas pelo frade em folhas de papel, recuperar as representações de outro tempo e de outros homens no tempo. Trata-se de um procedimento teórico/metodológico que ajudou a estabelecer um diálogo entre os vivos e os mortos, entre o hoje e o ontem, na tentativa de capturar as sensibilidades de um frade durante sua passagem pela diocese de Goiás. Nesse processo, foi possível perceber a forma pela qual os indivíduos e as instituições se dão a perceber e estratégias de ação, razões, valores e sentimentos expressos nas suas cartas aos seminaristas franceses.

FONTES

CARTAS DO BRASIL POR FREI ESTEVÃO GALLAIS. COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINIACANA. Vol.12, S.d. p.1-83.

FREI GALLAIS E SUA OBRA MISSIONÁRIA, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, vol. 4, s.d, p.1-16.



FRADES DOMINICANOS NO BRASIL, COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, v.7, s.d, p.1-25.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja frente aos Estados liberais: 1880-1930. In: DUSSEL, Enrique. *Historia Liberations: 500 anos de História da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas: 1992, p. 177-222.

CAIXETA, Vera Lúcia. *Médicos, Frades e Intelectuais: Leituras Sobre o Brasil Central (1882-1935)*. Curitiba: CRV, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. 2 ed. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

LANGUE, Frederique. O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina H; PARENTE, Temis Gomes. *História e Sensibilidade*: Brasília: Paralelo 15, 2006. p.21-34

MELATIAN, Teresa. Narrador, registro, arquivo. In: LUCA, Tania Regina de, PINSK, Carla Bessanezi. *O Historiador e Suas Fontes*. 4 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015, p.195-222.

PESAVENTO, Sandra J. Na contramão da vida. Razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus: Antonio Rasgado, Benjamin- o Degolador, João Foguista. In: ERTZOGUE, Marina H; PARENTE, Temis Gomes. *História e Sensibilidade*: Brasília: Paralelo 15, 2006. p.161-178.

PRUDHOMME, Claude. A ação missionária nos séculos XIX e XX. In: CORBIN, Alan. *História do Cristianismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2007. p.354-355.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

SILVA, Maria da Conceição. *Catolicismo e casamento civil em Goiás 1860-1920*. Goiânia:UCG, 2009.

VANGELISTA, Chiara. A paisagem impossível – uma leitura das matas e florestas entre Brasil e Europa. In: PATRIOTA, Rosangela; RAMOS, Alcides Freire (orgs). *Paisagens Subjetivas, Paisagens Sociais*. São Paulo: HUCITEC, 2012, p.37-48.



VAUCHEZ, André. As ordens mendicantes. In: CORBIN, Alan. *História do Cristianismo*. Lisboa: Editorial Presença, 2007. P.181-184.